



voo para onde vão as araras

Eduardo Guimarães

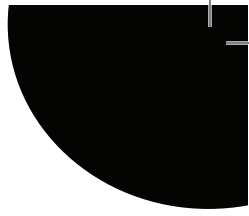
ilustração
Tânia Ralston

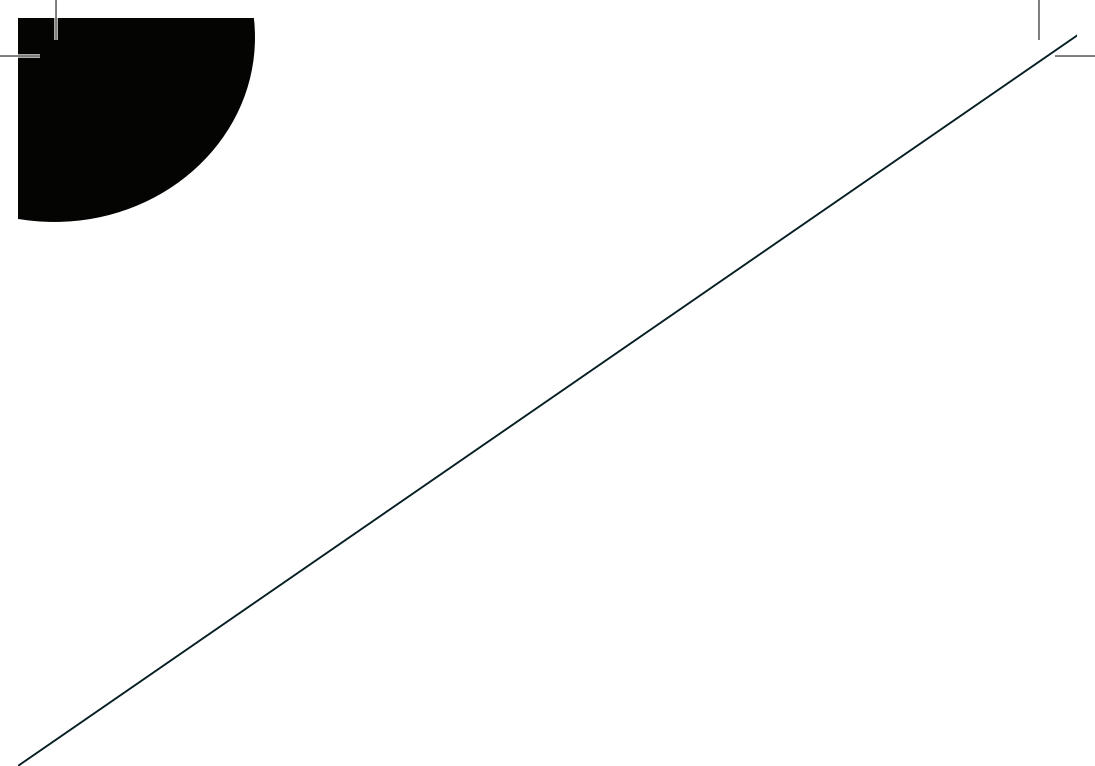




○ sagrado é o outro

SECA





Os dias são dramáticos para muitas criaturas, que não conseguem migrar até as áreas mais úmidas. Normalmente morrem animais fracos, velhos, e os que não farão falta nos próximos ciclos.

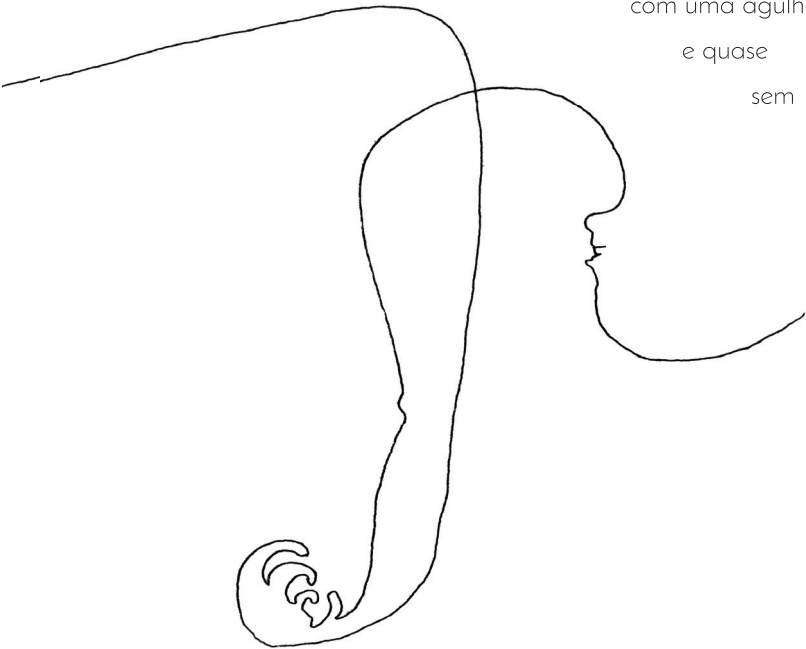
Te vejo
segurando
um bisturi

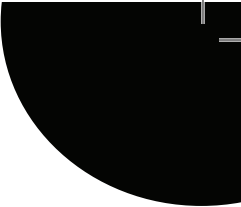
Você abre
delicadamente
meu abdômen
e tira
uma carapaça
de mim

acúte



Então você a põe
na tua frente
- não é meu número
você diz
e a joga de lado
enquanto eu
operado
tenho que me virar
com uma agulha
e quase
sem
linha

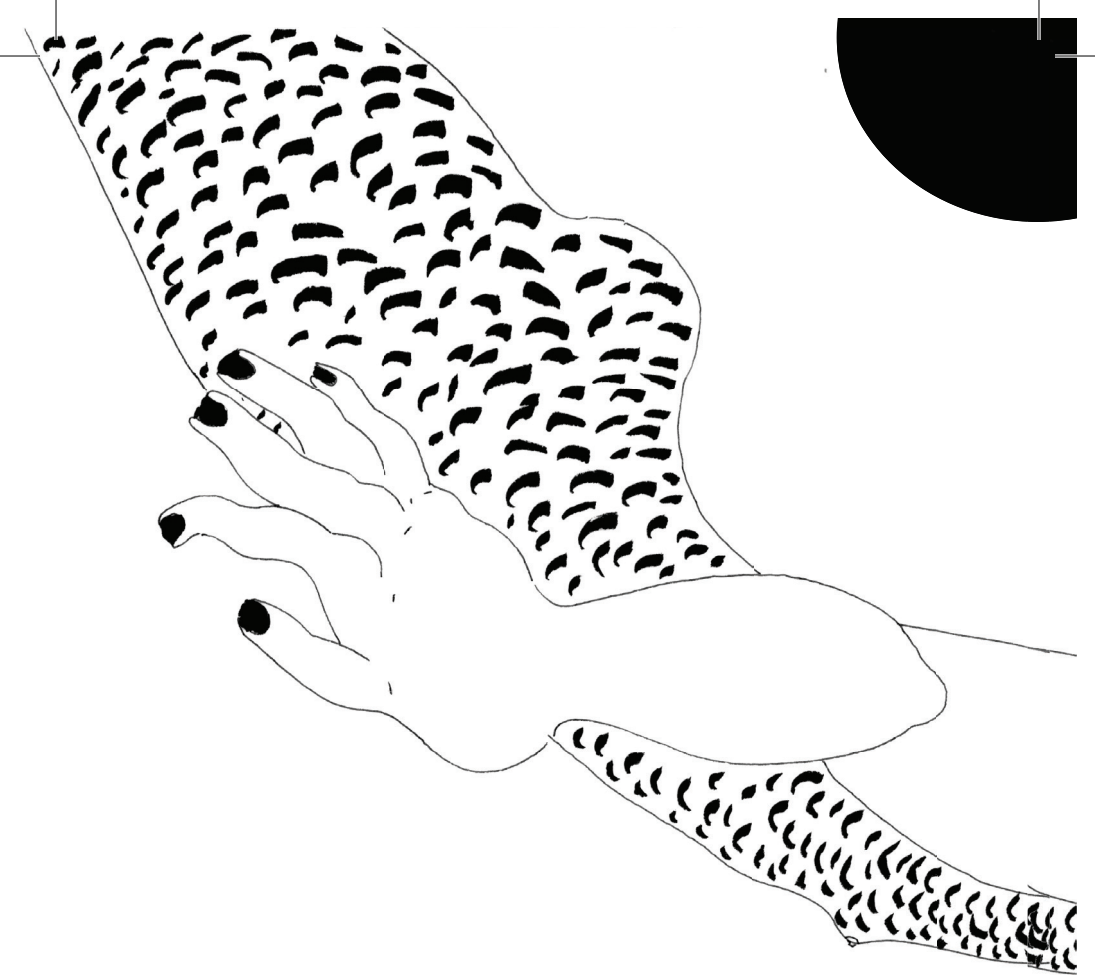


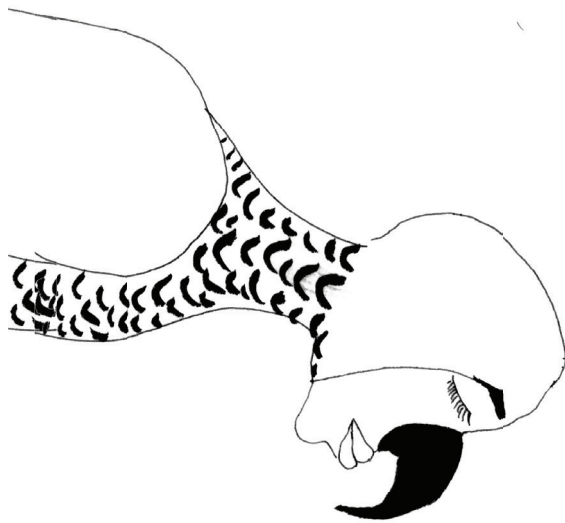


Trago uma cicatriz fina e rosada no abdômen e me assusto com a
brancura e os dedos tortos da minha mão
Reflico no teu espelho redondo e agora sou um velho branco,
barbudo e estranho. Um minuto atrás eu não era assim.
Nem velho. Nem branco



Não sei o que se passa. Só sei que preciso ir





Eu voo para onde vão

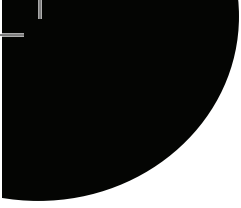
as araras



O homem sempre soube sonhar

Tem aquelas crianças de sol,
que passam o dia voando
ao vento ou sendo árvore

Ninguém sabe direito do que fazem à noite,
porque as noites são de imaginar mais do que revelar,
mas há notícias de que sopram tubos mágicos
sussurram umas pras outras
e vão virando aqueles bichos todos
é onça, é arara azul, é tuiuiu



Um velho branco, barbudo e estranho (eu?), cheio de roupas
escuras debaixo daquele calor, depois de dias subindo o rio seco,
quase sem água, aporta ali, coça os olhos e esfrega a barba com
o que vê. Quer chamar de filhos do paraíso

Mas aquilo que ele vê é o antes. E antes nem tinha.
Nem tinha paraíso

Não precisava

A existência é uma memória?

